

1 Introdução

O número de famílias chefiadas por mulheres aumentou consideravelmente no Brasil entre 1996 e 2006, passando de 10,3 para 18,5 milhões nesse período (IBGE, 2007). O crescimento da quantidade de famílias monoparentais femininas é decorrente do incremento na quantidade de separações e divórcios, que se verifica tanto no Brasil como nos demais países ocidentais (Carter & McGoldrick, 2001). Essa forma de arranjo familiar, cada vez mais comum e freqüente na sociedade contemporânea, vem sendo tema constante de estudos na Psicologia Social, na Psicologia do Desenvolvimento, na Psicologia da Família, na Sociologia e nos demais campos de estudo (Bumpass & Raley, 1995; Morrison, 1995 Féres-Carneiro, 2003b). Embora sejam inúmeras as publicações, a maior parte destas se referem às experiências vivenciadas pelas crianças que se encontram nesta situação familiar ou à avaliação das conseqüências da separação/divórcio no desenvolvimento infantil (Biblarz & Gottainer, 2000; Straube et. al., 2003; Brito, 2007).

A presente pesquisa investiga a vivência de mães separadas e/ou divorciadas de classe média da cidade do Rio de Janeiro. O objetivo primordial é ter acesso às representações e vivências dessas mulheres com relação à situação monoparental e a todos os aspectos que envolvem o cotidiano dessa vivência feminina contemporânea. Contribuímos, desta forma, com o preenchimento de algumas lacunas existentes na literatura atual.

O interesse em investigar o campo da família teve início ainda no curso de graduação em Psicologia na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Quando ainda bolsista de iniciação científica, participei de um amplo projeto de pesquisa na área de Psicologia Social e Psicologia do Desenvolvimento, que estudava interações mãe-bebê e cognições parentais. A partir dessa experiência, que inclui a elaboração da monografia de final de curso que consistiu na tradução e na adaptação de um inventário acerca de crenças e cuidados parentais, o interesse pelo tema família tornou-se cada vez mais evidente. O curso de Mestrado na PUC-Rio em Psicologia Clínica, Linha de Pesquisa “Casal e Família: Estudos Psicossociais e Psicoterapia” surgiu como uma oportunidade de investigar a família monoparental feminina, de forma a abarcar a vivência mais ampla da mulher, assim como alguns aspectos da cognição parental.

Acreditamos que o estudo de fenômenos acerca da família e do desenvolvimento humano deva ser realizado levando-se em consideração modelos culturais específicos. A contextualização e a observação das diferenças históricas, sociais e culturais são de extrema importância para a compreensão desta área de investigação. As crianças nascem e se desenvolvem em contextos e culturas diversos. Mesmo antes de nascer, já sofrem influência das crenças, expectativas, representações e costumes de seus cuidadores.

O estudo da cognição parental refere-se à compreensão dessas crenças, expectativas, valores e sentimentos parentais, e encontra-se relacionado à Psicologia Infantil, da Família, e do Desenvolvimento, pois não podemos conceber a formação de um indivíduo social sem a presença do outro. A primeira experiência social da criança dá-se dentro do núcleo familiar, quando ela se relaciona com seus cuidadores, sobretudo com a mãe e com o pai. Dentro desta perspectiva, torna-se importante o estudo dos diversos arranjos familiares. O objetivo a ser alcançado aqui é ter acesso às representações, experiências, conflitos, expectativas e vivência feminina em geral dessas mulheres, membros de um determinado grupo da família contemporânea.

Iniciamos nossa revisão de literatura revendo a história da família brasileira desde a época da colonização até os dias de hoje. Neste capítulo, focalizamos dados e discussões históricas que fundamentam a fundação da família tradicional patriarcal, sua evolução para a família moderna até o desenvolvimento da família contemporânea, com padrões extremamente flexíveis.

Esta família contemporânea apresenta, dentre outras características, um crescente poder materno. Já que as separações e divórcios são mais frequentes na época atual, as famílias chefiadas por mulheres crescem em número também. Neste capítulo, ainda, falamos um pouco sobre os diversos papéis desempenhados pela mulher ao longo da história. Baseados na literatura acerca do feminismo e da antropologia feminina, discutimos também o papel da mulher na sociedade, a magnitude com que esse papel sempre esteve atrelado às suas funções no núcleo familiar e como se desenvolveu, ao longo do tempo, inclusive sob a influência do movimento feminista.

O terceiro capítulo discorre a respeito de um fenômeno muito importante no Ciclo de Desenvolvimento Familiar: a chegada dos filhos, e a passagem da situação de conjugalidade para a de parentalidade. Este marco que inicia o núcleo familiar propriamente dito é discutido, assim como os conflitos aí envolvidos. Seguindo o trajeto dos conflitos familiares, o capítulo ainda aborda a questão do divórcio na contemporaneidade e suas conseqüências para os diversos membros da família.

O quarto capítulo descreve de forma sucinta a longa história da parentalidade, a partir de uma visão que envolve a psicologia evolucionista e a abordagem sócio-histórico-cultural. Além disso, revisamos a conceituação de família e suas diversas modalidades e arranjos atuais. Concluímos este capítulo com a descrição mais pormenorizada da família monoparental feminina, que é objeto de nossa investigação.

A pesquisa propriamente dita está descrita no quinto capítulo. Neste, a metodologia é apresentada e justificada. Foram entrevistadas 9 mulheres separadas ou divorciadas com filhos pequenos. As entrevistas foram semi-abertas, com o intuito de alcançar os temas mais variados da vivência dessas mulheres. No sexto capítulo, os resultados são expostos e discutidos. Para tal, os conteúdos das entrevistas foram analisados e agrupados em doze categorias.

No sétimo capítulo, são tratadas as considerações finais, abrangendo as conclusões de nossa pesquisa sobre a perspectiva feminina da família monoparental.